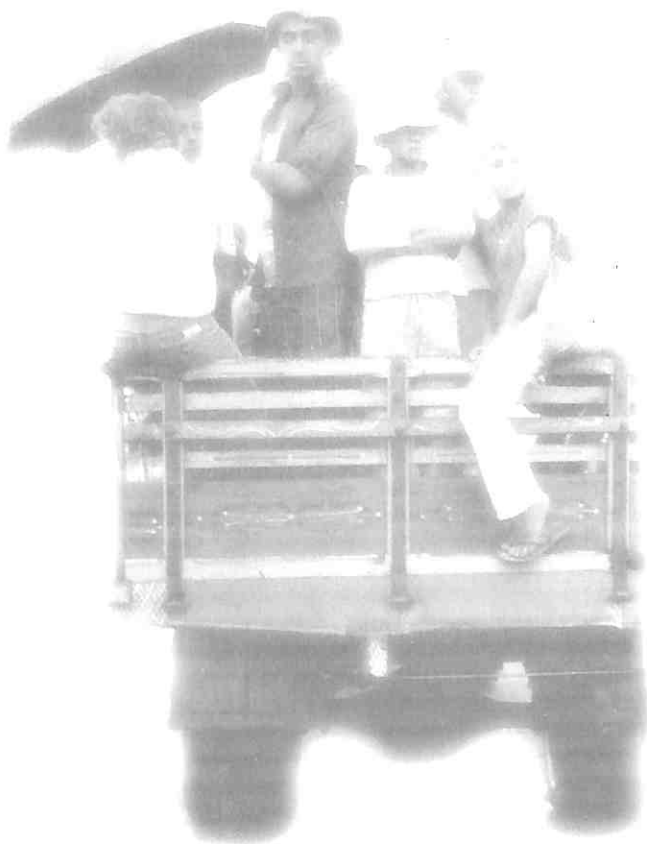
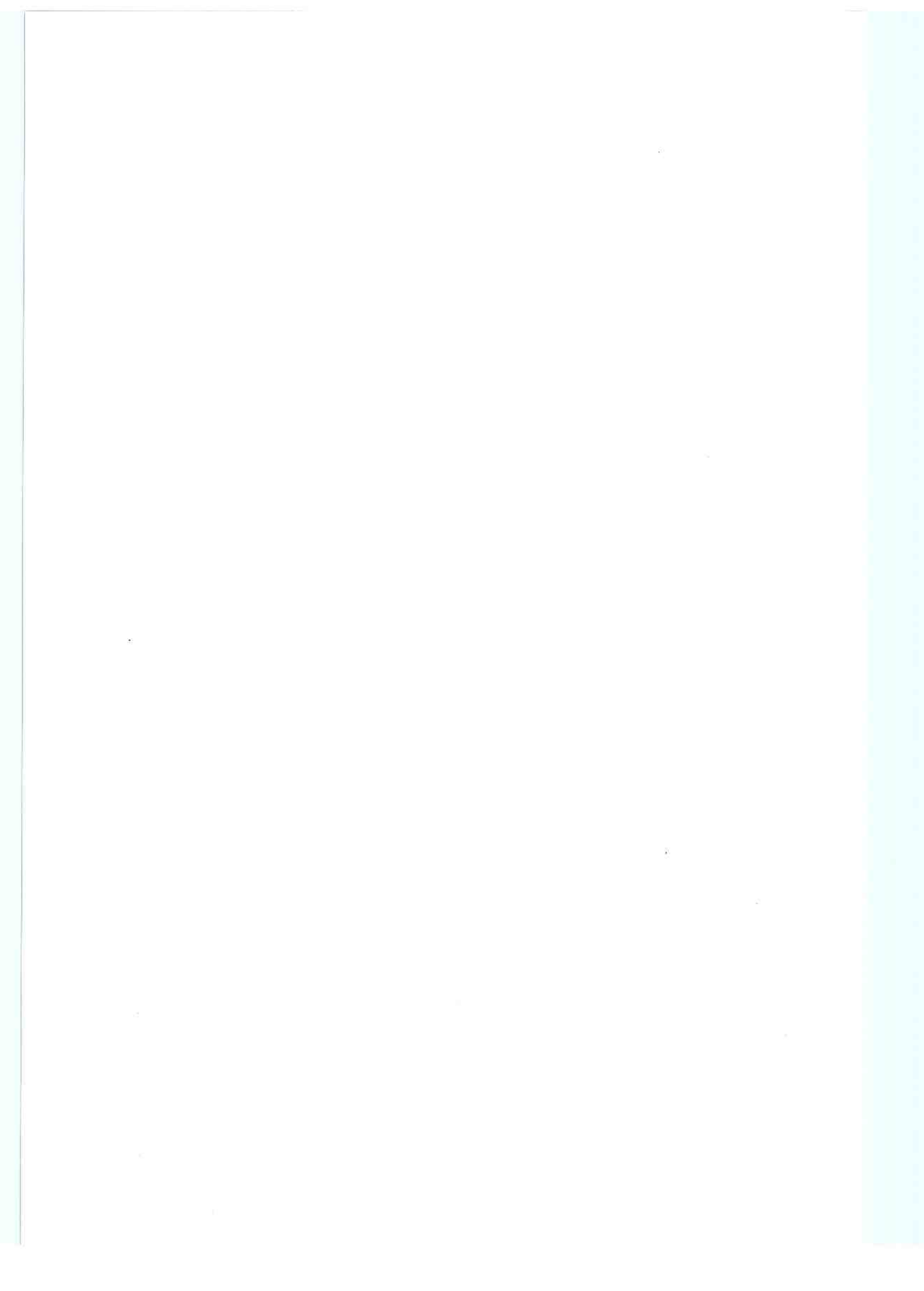


*“Chega de formar
fazendas para os outros,
para depois receber
despejo”*: trabalhadores e
experiência comunista no
interior de São Paulo
(1946-1954)





**“CHEGA DE FORMAR FAZENDAS PARA OS OUTROS,
PARA DEPOIS RECEBER DESPEJO”: TRABALHADORES E
EXPERIÊNCIA COMUNISTA NO INTERIOR DE SÃO PAULO
(1946-1954)**

RESUMO

A partir de narrativas de militantes comunistas em periódicos sobre o Levante Comunista de 1949, ocorrido em Fernandópolis, interior do Estado de São Paulo, discuto a disputa em torno da memória das experiências sociais de trabalhadores ao organizar movimentos sociais de luta pela terra e por direitos trabalhistas no campo. Desses materiais históricos emergem a avaliação política de militantes comunistas sobre as práticas partidárias no período de 1946 a 1954.

PALAVRAS-CHAVE

Trabalhadores. Movimentos Sociais. Levante Comunista. Memória.

No presente, cotejar experiências sociais de trabalhadores em luta, mesmo constituindo as “causas perdidas”, os “becos sem saída”,³ cujas memórias e histórias têm sido silenciadas, ocultadas, tem o sentido objetivo de manter a sua atualidade política, pois estamos disputando a memória sobre a história dos diversos movimentos sociais de trabalhadores no presente.⁴

Diante dessa circunstância, torna-se relevante a problematização da perspectiva e das imagens produzidas pelos militantes do Partido Comunista do Brasil (PCB) sobre o movimento comumente conhecido como Levante Comunista de 1949 de Fernandópolis.⁵ A pesquisa sobre a experiência social de

¹ Artigo parte de algumas considerações do terceiro capítulo da tese: MOREIRA, V. J. *Memórias e histórias de trabalhadores em luta pela terra: Fernandópolis-SP, 1946-1964*. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em História Social)-Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

² Professor da graduação e do mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). <moreiravagner@terra.com.br>.

³ THOMPSON, E. P. *A árvore da liberdade*. In: _____. *A formação da classe operária inglesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1997. p. 13.

⁴ Cf. HOBBSBAWM, E. *O sentido do passado*. In: _____. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 22-35.

⁵ Cf. PROCESSO CRIME, n. 140, de 23 de agosto de 1949, instaurado na Justiça Pública do Estado de São Paulo, Comarca de Votuporanga. Cerca de 40 trabalhadores foram relacionados como réus no processo crime sobre o “levante comunista”. O “levante comunista” ocorreu na noite de 23 para 24 de junho de 1949, em Fernandópolis, região Noroeste do Estado de São Paulo. O movimento social dos trabalhadores em luta pela terra e por direitos trabalhistas não está limitado apenas ao levante, mas ao conjunto de práticas sociais e lutas políticas no período de 1946 a 1964. Os objetivos do levante expresso no processo crime estavam assim definidos:

da sociedade, na determinação do que é ou não memorável ou preservável".⁹ Nesse ambiente político e social marcado de lutas diversas de trabalhadores e de uma intrincada temporalidade de disputas de projetos políticos e de disputas ideológicas situadas na perspectiva da Guerra Fria, memórias foram narradas sobre o movimento de trabalhadores em Fernandópolis e sobre o Levante Comunista de 1949.¹⁰

Às vésperas do movimento social de trabalhadores em Fernandópolis, que foi descrito como levante comunista, o periódico comunista *A Classe Operária*, em 14 de maio de 1949, em letras garrafais, estampa em suas páginas a seguinte manchete: Os Camponeses de Fernandópolis Em Luta Contra o Latifúndio,

⁹ MACIEL, L. A. De "o povo não sabe ler" a uma história dos trabalhadores da palavra. In: ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006. p. 277.

¹⁰ As fontes utilizadas nesse artigo foram pesquisadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo, acervo do DEOPS, a saber: periódicos *Terra Livre*, *Hoje*, *Folha da Tarde*, *Correio Paulistano*, *Diário de São Paulo* e *Diário da Noite*. No acervo do Arquivo Edgard Leuenroth — AEL/UNICAMP — os periódicos *A Classe Operária*, *Voz Operária*, *Terra Livre*, *Problemas e Fundamentos*; os periódicos locais foram pesquisados nas bibliotecas públicas dos municípios da região Noroeste do Estado São Paulo. Os inquéritos policiais foram pesquisados no arquivo da Delegacia de Polícia de Fernandópolis. Os processos criminais que tive acesso foram requeridos nos Fóruns da Comarca de Fernandópolis e da Comarca de Votuporanga. Importa informar, portanto, a dificuldade para o acesso de processos criminais no Estado de São Paulo, uma vez que os arquivos dos fóruns paulistas foram deslocados para um arquivo privatizado, localizado na cidade de Jundiaí. Para ter acesso aos processos é necessário protocolar ofício ao Juízo de Direito da comarca originária do processo e "torcer" para que esses processos tenham sido identificados e cadastrados em função do deslocamento até o arquivo em Jundiaí, que, parece, era de responsabilidade dos cartórios originários. Caso contrário, a localização destes torna-se impossível e os mesmos se "perdem" no arquivo da *Recall do Brasil Ltda.*, empresa terceirizada que se exime de qualquer responsabilidade quando os processos não foram identificados e cadastrados, apenas realizando busca pelo sistema informatizado. Os processos estão lá, mas perdidos em meio à multidão de processos que povoa esse arquivo.

provavelmente motivados pelo Manifesto de Janeiro de 1948.¹¹ O periódico manteve a questão agrária e a luta dos trabalhadores rurais em pauta, com reportagens ou artigos de Carlos Marighella, Mauricio Grabois, Calil Chade, Jacob Gorender, Luiz Carlos Prestes, entre outros.

Embora a reportagem sobre os “camponeses” de Fernandópolis edificara as práticas de lutas dos trabalhadores, é possível identificar indícios da movimentação anterior ao movimento que ocorreria no mês seguinte:

Fortalece o espírito de luta da massa camponesa em Fernandópolis, Estado de São Paulo. E na luta realizaram contra a exploração dos “tatuíras” os camponeses contam com o apoio, o estímulo de dois representantes de Prestes que elegeram a Câmara Municipal: os vereadores João Tomás de Aquino e Antônio Joaquim. Esses vereadores de Prestes levantam, incansavelmente, as reivindicações dos camponeses na Câmara, onde eles enfrentam a mais feroz resistência dos representantes dos latifundiários que lá constituem maioria. E assim mostram aos camponeses que só tem realmente caminho a luta organizada para tornarem realidade as suas reivindicações.

Constroem uma estrada enfrentando os “Tatuíras”

Numa das sessões da Câmara Municipal de Fernandópolis, o vereador Antônio Joaquim pediu que fosse atendida a reivindicação do povo de Dolcinópolis,

¹¹ PRESTES, L. C. Como enfrentar os problemas da revolução agrária e antiimperialista. *Problemas*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 18-42, abr. 1948. Beatriz Ana Loner, ao discutir as “lentes do PCB”, afirma que, no final da década de 1940 e início da década de 1950, o PCB, politicamente, recebia orientação do Kominform, influências e contatos diretos com o PCUS (ênfatizando as diversas disputas internas), influências da Revolução Chinesa – para isso, além de dialogar com Caio Prado Júnior, enfatiza a viagem de Marighella à China, além da influência da conjuntura nacional e das divisões internas do PCB. Cf. LONER, B. A. *O PCB e a linha do “Manifesto de Agosto”*: um estudo. 1985. 206 f. Dissertação (Mestrado em História)– Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1985.

povoado do município que desejava ligar-se diretamente à sede, por uma estrada mais curta, de 29 quilômetros apenas. Contra essa legítima [pretensão] dos moradores de Dolcinópolis, que se apoiava numa subscrição com mais de 400 assinaturas, levou-se raivosamente o possedista Eufhy Jalles, que desejava que a estrada fizesse uma grande curva para atingir a localidade onde o vereador dutrista tem o centro de seus interesses [Jales]. Nos debates o representante dos latifundiários chegou a afirmar que os abaixo-assinados “não valiam nada”. Sabedores desses debates os camponeses e o povo de Dolcinópolis dispuseram-se a fazer a estrada por conta própria, quisessem ou não a Câmara e o prefeito. E assim foi feito: — no dia seguinte, 176 homens se lançaram ao trabalho, rasgando a estrada, que é hoje uma pujante demonstração de que quando o povo luta, ele é a Câmara, é o Prefeito e é a Justiça.

A palavra dos camponeses

A custa de tantos sacrifícios sofridos nos anos anteriores, com [escorchantes — termo presumível] contratos de arrendamento pelo prazo de um ano, que fazem o nosso camponês viver como cigano, de um lado para outro, cada mês de agosto que surge, os camponeses do município de Fernandópolis estão se libertando de uma vez da escravidão semi-feudal do latifúndio. O que eles dizem agora é que “no próximo agosto suas mudanças não estarão jogadas nas estradas, ou em cima de carros de bois, de fazenda para fazenda”. E isso por quê? Porque, no município de Fernandópolis, os que se dizem donos das terras, quase que em geral, serão desmoralizados com os [sucessivos desmandos], os “grilos”, de modo que ninguém chega a saber quem é o dono das terras. Em meio a essa confusão enorme, dos pretensos donos da terra — os camponeses julgam que elas serão melhor aproveitadas com o cultivo. E o cultivo só é feito pelos trabalhadores do campo. Daí a razão porque resolveram não abandonar as terras onde se acham, em muitos pontos do município. ‘Chega de formar fazendas para os outros, para depois receber despejo’, é o que afirmam.¹²

¹² CLASSE OPERÁRIA, [São Paulo], n. 174, 14 maio 1949, p. 10.

A autoria do texto da reportagem [não assinada] do periódico *A Classe Operária* é provável que seja de Calil Chade, o militante e repórter que sempre tratava das questões agrárias e da luta pela terra no interior do Estado de São Paulo, ou de Fernando Jacob, munido de informações do correspondente local do periódico *Notícias Hoje*.¹³ Cotejando e relacionando a reportagem e as atas das sessões da Câmara Municipal de Fernandópolis, é possível rastrear a atuação e o expediente de formular requerimentos e indicações dos comumente conhecidos na cidade como “vereadores de Prestes”: Antônio Alves dos Santos e João Thomaz de Aquino. Em diversos documentos, como no processo criminal, Antônio Alves dos Santos, conhecido como Antônio Joaquim, foi identificado como organizador do levante comunista e que também participou na Coluna Prestes. Não foi verificada nenhuma evidência sobre a sua participação na Coluna Prestes, mas é um fato narrado por muitos. A associação de Antônio Alves a Prestes não é fortuita. Tem o sentido de substanciar

¹³ Fernando Jacob como correspondente local do periódico *Notícias Hoje* sempre enviava textos e informações sobre a cidade. Em 1 de fevereiro de 1949 escreveu carta, assinada e identificada com papel timbrado de seu escritório de advocacia, ao Sr. José A. Carvalho, diretor responsável de *Notícias Hoje*, reclamando de algumas reportagens sobre Fernandópolis publicadas no periódico e solicitando a publicação da notícia sobre a construção da via de ligação de Dolcinópolis a Fernandópolis: “Por outro lado, não foi publicada ainda a reportagem daqui enviada sobre a construção, pelos camponeses [da] rodovia Dolcinópolis-Fernandópolis. Este movimento, o mais importante já efetuado por nós e merece [ser] divulgado. Reclamamos, portanto, a publicação”. Mais adiante o diretor [em 9 fev. 1949] responde a Fernando Jacob que a reportagem sobre a estrada fora publicada no dia 3 de fevereiro de 1949. Ao tudo indica, o texto-reportagem publicado no periódico *Classe Operária* em 14 de maio de 1949, retomava diversas reportagens publicadas a respeito de Fernandópolis pelo periódico pecebista paulista *Notícias Hoje*. É, no mínimo, intrincado o fato de que todas essas correspondências documentam o prontuário da Delegacia de Polícia de Fernandópolis junto ao DOPS. No caso da carta de Fernando Jacob ao diretor do periódico *Notícias Hoje* constituía-se em documento original - certamente, uma evidência da prática do DOPS de interceptar as correspondências que consideram duvidosas e perigosas. (Prontuário 67.621, Delegacia Regional de Fernandópolis, pasta OS 532. DEOPS/SP, SAESP.)

politicamente o movimento e os sujeitos envolvidos, situando o processo no ambiente da Guerra Fria. Por diversas vezes, os “vereadores de Prestes” solicitaram visitas e atendimentos médicos para as povoações que não os possuíam, bem como a criação de escolas municipais e o aumento da quota de óleo comestível diante do racionamento. Apresentaram também denúncia contra a prática de “câmbio negro” a diversos produtos, por exemplo, o controle ou o “câmbio negro” das enxadas de marca Duas Caras e seu fornecimento aos trabalhadores a preço de tabelamento. A escassez de gêneros de primeira necessidade e práticas do racionamento após 1945 foi objeto de discussão de diversos historiadores. Vera Lucia Viera afirma:

[...] com a falta de gêneros alimentícios de primeira necessidade, como pão, o leite, o açúcar, o carvão e outros, de que se começa a ter notícias a partir de 1946 e que se estenderá por todo o período. As inúmeras comissões de abastecimento que o governo organiza para resolver a questão, atestam bem a gravidade do problema e a ineficiência governamental para resolvê-lo. Raciona-se o pão, tabela-se o macarrão, e desaparecem o óleo, o azeite e as gorduras; fazem-se filas para comprar o café e declara-se, inúmeras vezes, guerra a carestia através de tentativas infrutíferas de tabelamento de preços, que só resultam na institucionalização do câmbio negro. [...] Assim é o surgimento do câmbio negro em virtude da escassez de gêneros alimentícios e a carestia de vida provocada pela situação de após guerra e da falta de organização das condições de atendimento às necessidades da população [...]. De 1946 a 1948, o problema da carestia invade o cotidiano desses trabalhadores. Os produtos básicos somem da frente do consumidor e este tem que se ver com enormes filas e a precariedade nas condições de abastecimento.¹⁴

¹⁴ VIEIRA, 1989, p. 13, 88, 194. Ainda sobre o racionamento, ver: VARUSSA, R. J. *Trabalhadores e a construção da Justiça do Trabalho no Brasil: (décadas de 1940 a 1960)*. São Paulo: LTr, 2012. p. 167; POMAR, P. E. R. *A democracia intolerante: Dutra, Adhemar e a repressão ao Partido Comunista (1946-1950)*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 37-38; COSTA, H. *Em busca da memória: comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Página Aberta, 1995. p. 55.

Outra prática dos vereadores era a leitura de textos nas sessões da Câmara Municipal de Fernandópolis, provavelmente publicações de periódicos comunistas. Outras vezes, elaboraram moções dirigidas ao Presidente da República contra os atos antidemocráticos do governo federal, as quais foram sempre rejeitadas. Em umas dessas moções, Eufhy Jalles,¹⁵ vereador e conhecido por ser truculento latifundiário, grileiro de terras na região e ferrenho opositor de Antônio Alves dos Santos, afirma textualmente que os “termos insultuosos em que a mesma foi redigida”¹⁶ impossibilitava a aprovação da moção.

Entre os diversos problemas vividos, diante da questão agrária em Fernandópolis, as experiências dos arrendatários de terra parecem apresentar-se no principal foco de tensão e conflitos. Mesmo considerando que possa ter havido alguma elaboração política valorativa por parte do periódico pecebista, não deixa de ser significativa a afirmação de que “no próximo agosto suas mudanças não estarão jogadas nas estradas, ou em cima de carros de bois, de fazenda para fazenda”. A assertiva evidencia a disposição para alguma forma de luta, que passava pela resistência aos “pretensos donos da terra”. Os trabalhadores sem terra arrendatários estavam sempre sujeitos a não terem a terra para plantar no período de produção seguinte. Parte significativa dos “pretensos donos da terra” arrendava as glebas de matas ou de terras sem o devido preparo agrícola para os arrendatários por períodos variados. Alvino Silva, um dos indiciados no processo crime do Levante Comunista de junho de 1949, alguns meses antes foi preso por “incitar” os arrendatários de terra na região a não pagarem renda constitui-se como evidência desse processo:

Devidamente escoltado, façam-vos apresentar Alvino Silva, chefe comunista em Guarany D’Oeste, deste município — o principal responsável pela agitação

¹⁵ Sobre as práticas de grilagem de Eufhy Jalles, Cf. NARDOQUE, S. *Renda da terra e produção do espaço urbano em Jales – SP*. 2007. 445 f. Tese (Doutorado em Geografia)-Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

¹⁶ LIVRO DE ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DE FERNANDÓPOLIS, 20 fev. 1948, p. 25.

existente no meio rural daquela zona. Sua campanha é de aconselhar os arrenda, digo, arrendatários e meeiros a não pagarem rendas, pois esta é a ordem de Prestes. Tal campanha feita com insistência no meio dos trabalhadores rurais vem fazendo prever consequências funestas, pois os proprietários se mostram alarmados e procuram, diariamente, esta Delegacia, para as providências necessárias. O Promotor Público da Comarca ainda não ofereceu denúncia em processo feito de acordo com o Decreto que define crimes solicitadas a Procuradoria do Estado poderão trazer benefícios resultados, com a designação de promotor especial ou com orientação em circular dirigida a todos os promotores do Estado. Apresento a V. Ex.^a os meus protestos de admiração e estima. — Delegado de Polícia (a) Mario Ferraz Fahim.¹⁷

Os contratos, geralmente, poderiam ir de um a três anos, mas eram sempre rompidos pelos “pretensos donos da terra”. Os “colonos” com contratos de assalariamento mensal ou de meeiros também sentiam seus direitos sendo desrespeitados a cada ano. O que nas mãos do redator do periódico foi caracterizado como “libertação da escravidão semi-feudal do latifúndio”, para os trabalhadores tinham um sentido objetivo: “o cultivo só é feito pelos trabalhadores do campo. Daí a razão porque resolveram não abandonar as terras onde se acham, em muitos pontos do município. ‘Chega de formar fazendas para os outros, para depois receber despejo’”.¹⁸

É possível afirmar que as diversas frações da burguesia industrial e agrária acreditavam na verossimilhança da “revolução comunista”, dado o ambiente de lutas no campo e na cidade desde 1945. A esse ambiente social e político vivido com muitas expectativas após a Segunda Guerra Mundial, em que os trabalhadores forjaram práticas de lutas diversas, revigorando

¹⁷ Cf. Ofício ao DOPS/São Paulo. Interessado: Alvino Silva, de Fernandópolis. Assunto: agitação comunista na zona de Fernandópolis. Data da distribuição: 11 mar. 1949. Delegado de Polícia: Mario Ferraz Pahim. (Prontuário 91.037, Delegacia de Polícia de Fernandópolis, DEOPS/SP, SAESP.)

¹⁸ CLASSE OPERÁRIA, [São Paulo], n. 174, 14 maio 1949, p. 10.

os sindicatos e fortalecendo o PCB, alguns historiadores assemelharam à conjuntura do final da década de 1970 e início da década de 1980, quando os trabalhadores como sujeitos históricos e conscientes do processo vivido elaboraram projetos diversos para as suas vidas, "quando novos personagens entraram em cena".¹⁹

Em 1949, o PCB se articulava e se movimentava pressionado pela cassação de seu registro e dos mandatos parlamentares (bem como de alguns membros do executivo), pela ilegalidade do partido e por conta do realinhamento de seu projeto político, com a "guinada à esquerda". Esta se deu com o posicionamento expresso no Manifesto de Janeiro de 1948, adotando como estratégias de luta a agitação — organização e mobilização dos trabalhadores —, a "campanha pela paz", deixando de lado, momentaneamente, a perspectiva política de "união nacional".²⁰ O "tenebroso plano comunista", conforme anunciava diversos órgãos de imprensa,²¹ que estava sendo divulgado, alinha-se nesse ambiente de múltiplas contradições no social e de ambiguidades no interior do partido.²² É certo

¹⁹ Cf. COSTA, 1995; SILVA, F. T. *A carga e a culpa: os operários das docas de Santos: direitos e cultura de solidariedade 1937-1968*. São Paulo: HUCITEC; Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

²⁰ De acordo com Pedro Pomar, o "Manifesto de Janeiro de 1948 impulsionará, também, uma nova linha sindical, que reproduzirá, com sinais trocados, as tensões existentes entre as direções partidárias e as bases sindicais do partido no período de ordem-e-tranquilidade. Disposto a jogar 'a maioria da população contra o governo', o PCB estimulará greves a qualquer custo, bem como a criação de sindicatos paralelos. Se antes os sindicalistas comunistas lutavam para garantir a autonomia da classe frente ao colaboracionismo pregado pelo partido, agora teriam de resistir à orientação partidária de produzir greves mesmo à revelia da massa trabalhadora, e de fundar entidades sindicais alternativas fadadas, na maioria dos casos, ao fracasso", Cf. POMAR, P. E. R. *Comunicação, cultura de esquerda e contra-hegemonia: o jornal Hoje (1945-1952)*. 2006. 192 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)-Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006. p. 36-37.

²¹ Ver nota 7.

²² Cf. NEGRO, A. L. Um PCB é pouco, dois é bom, três é demais. A participação operária na política do pós-guerra. *História*, São Paulo, n. 21, p. 251-282, 2002.

que muitos sujeitos em Fernandópolis estavam próximos ou militavam no PCB e provavelmente vivenciaram esse ambiente ambíguo no interior do partido, em que a “revolução agrária” era a “palavra de ordem” — convém enfatizar que na cidade ocorreram divergências, pelo menos, entre Fernando Jacob e Antônio Joaquim — na apreensão dessa política do PCB.

Calil Chade, também conhecido como Oto Santos,²³ militante pecebista, que escrevia com frequência nos periódicos *A Classe Operária* e *Voz Operária*, produziu o seguinte relato sobre o movimento social dos trabalhadores de 23 para 24 de junho de 1949, o levante comunista, publicado com o título *A Luta dos Camponeses de Fernandópolis*, no periódico *A Voz Operária*:

O sertão situado em torno de Fernandópolis, na Alta Araraquarense, tem sido, neste último ano, uma zona de sérias lutas dos camponeses contra a exploração do latifúndio e contra a política de Adhemar, que protege os interesses dos grileiros e grandes proprietários de terra. Em maio do ano passado [1948] a massa camponesa invadiu a cidade a fim de exigir a libertação dos seus produtos confiscados pelos latifundiários e pelas autoridades bem como para protestar contra os altos preços cobrados pelo arrendamento da terra. As autoridades, diante dos 940 camponeses, fugiram e deixaram a cidade nas mãos da massa revoltada. No princípio deste ano, por ocasião das eleições municipais, o terror e a violência policial do Sr. Adhemar desencadeou nessa zona, a fim de impedir que os camponeses elegeassem livremente os seus representantes. Todo o terror fascista não intimidou a massa, que continuou lutar [ilegível] com mais energia pela conquista de suas reivindicações. Toda a região de Fernandópolis é tomada por vastos latifúndios

²³ Informação fornecida por Lyndolpho Silva em 2 abr. 1990, em entrevista concedida a Luiz Flávio de Carvalho Costa, no Instituto Cultural Roberto Morena, Cf. COSTA, L. F. de C. A construção da rede sindical rural no Brasil pré-1964. *Estudos. Sociedade e Agricultura*, Curso de Pós- Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, n. 2, jul. 1994, p. 67-88. Disponível em <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/doi/flavio2.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2008.

pertencentes aos frigoríficos estrangeiros e a uma dúzia de grileiros, como [ilegível], Jales, Ludgreen [ilegível], Garcia e outros. Nesses grilos, onde comumente há choques armados entre os capangas dos pretensos donos das terras, são explorados milhares de camponeses que pagam preços os mais absurdos pelo arrendamento. Há muitos anos que se desenvolve no meio da massa de arrendatários uma luta vigorosa pela redução do preço cobrado pela “renda” da terra. É o que os camponeses tem visto [é] aumentar esse preço, ao mesmo tempo que o governo Adhemar joga sua polícia para perseguir aqueles que lutam contra a fome e a exploração crescente. Neste ano a situação dos camponeses agravou-se mais. O custo de vida se tornou muito mais sério e a falta de assistência aos trabalhadores da terra chegou ao auge. O veneno para matar as pragas do algodão só era encontrado no cambio negro e [...] preço de 70 e 90 cruzeiros. A falta do veneno determinou que a maior parte da colheita do algodão fosse destruída pela lagarta e pelo [ilegível]. Além disso, na época da colheita os preços dos produtos, como algodão, milho, amendoim e arroz, sofreram grande baixa, prejudicando os interesses dos arrendatários em favor dos grandes compradores. É diante dessa situação e da necessidade urgente que os arrendatários têm de se libertar das explorações impostas pelos grileiros e tatuíras, que os camponeses se ergueram pela conquista de seu pedaço de terra próprio, livre do arrendamento. As suas luta anteriores lhes mostraram que isso só poderia ser conquistado através de uma luta mais enérgica, em que tinha que enfrentar a reação da polícia protetora [...] [Trecho ilegível de 4 linhas, aproximadamente, descrevendo o início do movimento]. Nessa ação eles contaram, naturalmente, com apoio de toda massa, como tão bem ficou demonstrado pela população camponesa de Populina que festejava o São João. A reação da polícia fascista de Adhemar não se fez esperar na defesa dos grileiros, contra a massa camponesa esfomeada e miseravelmente explorada. Procurando apresentar a luta dos camponeses como uma ação isolada dos comunistas, a polícia procura acobertar a sua ação de defesa exclusiva dos grileiros. A atitude do vereador de Prestes, Antônio Joaquim, à frente da massa, é a atitude justa que devem tomar os legítimos defensores dos interesses dos trabalhadores que o elegeram. O delegado fascista Louzada da Rocha, que é

hoje o laçao enviado para todas as ações terroristas contra os camponeses, atirando a polícia contra os trabalhadores que lutam contra a fome, silencia com relação a todos os conflitos armados entre capangas, que se sucedem no sertão paulista, seja nos grilos da Sorocabana, da Paulista, da Noroeste ou da Araraquarense. Isso caracteriza bem o que é o governo de Adhemar, que persegue os trabalhadores, explora o povo e acoberta os crimes dos grileiros Nabiene Tolosa, Moura Andrade, Pisa Sobrinho, Jales, Garcia e também outros. Mas a reação procura, agora, usar de uma nova tática. É a de silenciar e não fazer estardalhaço pela “imprensa sadia” como fez com a luta de Santo Anastácio. É que ela sabe quanto é grave a situação no campo e como cresce a combatividade dos camponeses que cada dia estão mais dispostos a lutar com energia contra a exploração e o terror. A própria imprensa dos latifundiários procura silenciar sobre um acontecimento tão importante porque pretende criar uma falsa ilusão de que tudo no campo vai indo muito bem [...].²⁴

A narrativa de Calil Chade constitui-se em uma evidência desse processo social de construção histórica e social de memórias que se cindem por interesses de classe em luta. Sua narrativa foi produzida nesse ambiente de tensões, marcada por suas perspectivas políticas e “estruturas de sentimentos”²⁵, valorados e realmente vividos e sentidos.

Calil Chade era, confessadamente, militante comunista brasileiro nas décadas de 1940 e de 1950. Suas formulações teóricas e políticas — isto é, os referenciais dos quais partia para compreender o processo histórico e sua transformação — estavam revestidas de uma leitura de época, uma perspectiva histórica teleológica, partilhando de noções de que o campo brasileiro conservava resquícios feudais²⁶ e identificando a diversidade de

²⁴ VOZ OPERÁRIA, Rio de Janeiro, 13 ago. 1949, p. 2.

²⁵ WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 134.

²⁶ O historiador Caio Prado Jr., militante do PCB e crítico dessas interpretações pecebista, argumenta que não é possível a “transposição de tal situação [feudalismo e o latifúndio feudal] e conjuntura para as condições do Brasil. As coisas se passaram historicamente entre nós, e por isso continuaram a se manifestar de maneira completamente distinta.

trabalhadores rurais à noção “camponeses”, como fica evidenciado em sua intervenção no IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, em novembro de 1954. Todavia, é justamente isso que torna relevante a narrativa de Chade, pois expressa o “desejo revolucionário” e “sonho de outro mundo possível”.²⁷ Historicamente, uma determinada elaboração a partir de relações sociais experimentadas e significadas. Chade, naquela ocasião, circunstancia da seguinte forma o campo brasileiro:

1- A imensa maioria dos camponeses no Brasil é constituída de camponeses sem terra. Para uma população economicamente ativa de 11 milhões e 500 mil pessoas no campo, existem apenas 2.100.000 propriedades agropecuárias. Os habitantes do campo, economicamente ativos, isto é, os assalariados agrícolas e camponeses que não possuem terra, são aproximadamente 10 milhões. 2- Os grandes proprietários de terra que dispõem de mais de 500 hectares monopolizam as terras no Brasil. Representando 3% do número total dos proprietários de terra e 0,7% da população ativa no campo, esse punhado de latifundiários domina atualmente 63% da área global das propriedades agropecuárias. 3- Cerca de 1.995.000

E por mais que se queira enquadrar o nosso caso na teoria inspirada em circunstâncias como aquelas que descrevemos [o feudalismo europeu] e que não encontram semelhança alguma, próxima ou remota, na formação e na realidade brasileira, não se consegue mais que uma grosseira caricatura que os fatos ocorrentes em nosso país se recusam terminantemente a reproduzir. [...] O conceito de latifúndio feudal ou semifeudal é inaplicável e inteiramente descabido no que respeita ao Brasil [...]” PRADO JÚNIOR, C. *A revolução brasileira*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966. p. 60. Para uma discussão da questão agrária e projetos de reforma agrária em Caio Prado Junior, Cf. RANGEL, M. S. *Medo da morte e esperança de vida: uma história das ligas camponesas*. 2000. 372 f. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000; SILVA, L. R. O. *A crônica da reforma agrária em Caio Prado Júnior e nos textos pecebistas*. 2002. 189 f. Tese (Doutorado em História)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

²⁷ PORTELLI, A. Sonhos ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 41-58, dez. 1993.

proprietários, possuidores de áreas de terra inferiores a 500 hectares, são donos de 37% da área global das propriedades agropecuárias. Na sua grande maioria esses proprietários constituem a massa de camponeses pobres, médios e ricos, possuidores de terra própria. 4- Nas relações de produção do campo, subsistem, em toda parte e sob as mais diversas formas, restos feudais e escravistas: o trabalho gratuito e obrigatório, que é a subsistência da prestação pessoal de serviço; a “meia” e a “terça”; a negação dos mais elementares direitos civis e democráticos; o sistema das coações econômicas e extra-econômicas, por dívidas, etc. Mesmo naquelas economias onde maior tem sido a penetração capitalista, subsistem restos feudais e escravistas, utilizados pelos latifundiários e pelos camponeses ricos para arrancar maior renda da terra e maiores lucros. 5- Existe em nosso país imensas reservas de terras. São as chamadas terras devolutas. Essas terras correspondera a 3/4 da área geográfica do país. A área total das propriedades agropecuárias corresponde apenas a 23% da área geográfica do Brasil. A área cultivada não vai além de 10% da área total das propriedades, representando cerca de 2% da área geográfica.²⁸

Calil Chade caracteriza a estrutura fundiária como concentrada nas mãos dos latifundiários e, em particular, os limites territoriais entre os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, é descrito pela forte imagem dual de “sertão” dominado por grileiros e seus capangas — uma realidade vivida naquela região do Estado de São Paulo, independente da perspectiva do autor. Antes de abordar o movimento, Chade procurou descrever o ambiente vivido pelos trabalhadores rurais, em particular, pelos arrendatários de terra, como sendo envolto de necessidades, antagonismos e expectativas, ao organizarem-se em movimento de luta por direitos e na luta pela terra.

²⁸ SANTOS, O. O programa do partido, a questão agrária, a organização e a luta dos camponeses. *Problemas*, Rio de Janeiro, n. 64, dez.1954–fev. 1955. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/64/agraria.htm>. Acesso em: 18 out. 2008.

É significativa a informação de que a cidade já houvera sido ocupada pelos trabalhadores no ano anterior, evidência de que os conflitos em torno das relações de trabalho no campo e da luta pela terra foram anteriores a 1949. Evidência de um processo histórico complexo, que não principiava e muito menos encerrava em 1949.

As tensões vividas em torno da defesa de seus respectivos projetos na cidade já haviam levado os trabalhadores a vislumbrar a ocupação da cidade como uma possibilidade em 1947. A notícia foi vinculada no periódico *Hoje*, por mais que os redatores do jornal pecebista, naquele ano, buscassem desconversar a respeito por acreditarem na reversibilidade da legalidade do PCB e na política de "união nacional".²⁹ Notícia o periódico com a manchete Manobra Diabólica dos Reacionários de Fernandópolis Desmascarada pelo Secretário de Segurança:

Fernandópolis. Os raposas reacionários do PSD deste município, logo que tiveram conhecimento pelo rádio, da notícia do fechamento do PCB, arquitetaram um plano diabólico a fim de provocar desordem nesta cidade e com ela talvez a desejada intervenção federal no Estado. Tudo isso é lógico, cumprindo ordens dos seus patrões, Morvan, Costa Neto, etc. Fizeram com que o delegado local se deixasse levar pelos seus boatos alarmistas. Assim sendo, disseram ao delegado que mais de 60 famílias de camponeses armados, estavam prontos para invadir a cidade em sinal de protesto pelo fechamento do PCB e que matariam todo mundo que encontrassem na mesma. O delegado, assustado com o falso boato, telegrafou ao Secretário da Segurança pedindo reforço de tropas ante o 'Assalto esperado'. Como era natural, o Coronel Flodoaldo Maia, que conhece muito bem a manha dessa gente, negou-se a enviar o reforço pedido, mandando que o delegado regional de Rio Preto, fosse

²⁹ Irineu Luís de Moraes relata que, diante da política partidária daquele momento, precisou se deslocar para cidade Miguelópolis com o objetivo de desmobilizar a militância, que acreditava que o seu papel era resistir à cassação do registro do PCB e do fechamento de sua sede, Cf. WELCH, C.; GERALDO, S. *Lutas camponesas no interior paulista: memórias de Irineu Luís de Moraes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 96-99.

verificar 'in loco' o que havia. Aqui chegando, encontrou, essa autoridade, tudo em ordem, reinando a mais completa calma em toda região.³⁰

Para aqueles trabalhadores, a ocupação da cidade aparecia como uma forma de resolução de seus problemas; promover concentrações e manifestações de trabalhadores pelas ruas da cidade estava se constituindo em prática de luta. A invenção dessa prática parecia útil no enfrentamento das "formas de controle" e do exercício da exploração e dominação pela burguesia agrária e urbana de Fernandópolis. As experiências vividas e pensadas por esses trabalhadores levaram a formular práticas como essas e a compor seus repertórios de resistência, estabelecidos no contrateatro³¹ encenado pelos trabalhadores nas diversas lutas diárias no espaço do campo ou da cidade.

Partindo de perspectivas semelhantes à de Chade, Carlos Marighella também enfatiza a ocupação da cidade ocorrida em 1948, em texto elaborado para a publicação na revista *Problemas*, em janeiro de 1949, com o título Nossa Política:

Ao lado dessas greves tão ricas de experiências, verificamos por outro lado que as massas camponesas se lançaram à luta, enfrentando a reação dos senhores feudais e a polícia, sem atender aos apelos do padre, do advogado ou do coronel. Essas lutas dos camponeses se revestiram das mais variadas formas, desde os comícios contra o alto preço dos arrendamentos, até os desfiles e demonstrações em praça pública contra os latifundiários, como aconteceu em Fernandópolis, onde a cidade foi dominada pelos camponeses, e as autoridades fugiram.³²

³⁰ HOJE, São Paulo, ano II, 17 maio 1947, p. 2 apud BARRIGUELLI, J. C. *Subsídios à história das lutas no campo em São Paulo (1870-1956)*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Arquivo de História Contemporânea, v. 2, 1981. p. 259.

³¹ Cf. THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organizada por Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001, p. 227-267.

³² MARIGHELLA, C. Nossa política. *Problemas*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, jan. 1949, p. 7.

Em uma direção similar, a narrativa de Mauricio Grabois, escrita em maio de 1949, também publicado na revista *Problemas*, relaciona esse movimento ao Manifesto de Janeiro de 1948:

Demonstrações e comícios de camponeses contra o alto preço dos arrendamentos e por outras reivindicações [...]. Importante manifestação nesse sentido foi a que realizaram em Fernandópolis, Estado de São Paulo, cerca de 900 camponeses, desfilando pela cidade de armas na mão e pondo em fuga as autoridades locais. [...] Não orientamos suficientemente as massas camponesas em suas lutas e ainda vacilamos em dar-lhes perspectivas claras para enfrentar a reação dos latifundiários, como aconteceu em Fernandópolis, Estado de São Paulo, quando foi realizada uma demonstração de massa de cerca de 900 camponeses, convocados para uma ação prática contra os latifundiários e que foram dissolvidos por ordem de camaradas nossos, quando já o prefeito, o delegado e demais autoridades municipais tinham fugido.³³

Torna-se relevante ressaltar que tanto Grabois quanto Marighella compunham os quadros da direção do PCB naquele momento. Movidos pela autocrítica e avaliação política do período anterior a cassação do registro do PCB e dos mandatos parlamentares, período anterior em que apostaram em uma política de conciliação de classe e de união nacional — na perspectiva de uma revolução democrático-burguesa. A autocrítica em tom de lamento de Mauricio Grabois dimensiona os significados que adquiriu para alguns quadros partidários aqueles movimentos de trabalhadores rurais e suas lutas. Ao desvelar um dos principais problemas vividos pelos trabalhadores arrendatários e sem terra da região de Fernandópolis, o número de 900 "camponeses" ou mais é significativo não pelo quantitativo que ele poderia expressar naquele momento, mas pela potência desses sujeitos ocupando a cidade, dando visibilidade ao problema da terra e as suas reivindicações.

³³ GRABOIS, M. Mobilizar grandes massas para defender a paz e derrotar o imperialismo e a ditadura. *Problemas*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 20, ago.-set. 1949, p. 25.

A “oportunidade perdida”, lamentada por Grabois, está muito próxima ao que Alessandro Portelli identificou em sua pesquisa junto a trabalhadores e militantes comunistas na Itália, um processo semelhante sobre questões colocadas em torno do “tema da oportunidade perdida” à medida que a política de “união nacional” e o “compromisso histórico” passaram a ocupar a agenda do Partido Comunista Italiano (PCI) após a Segunda Guerra Mundial, denominado pelo autor como “sonhos ucrônicos”: “não se referem à forma pela qual a história se desenrolou, mas como ela poderia ter ocorrido”³⁴ se o partido tivesse se posicionado de maneira diferente e não tivesse desmobilizado os trabalhadores.³⁵ Parece que as críticas às versões externas e as autocríticas às posturas políticas partidárias direcionavam em perspectiva histórica a narrativa sobre os movimentos sociais no campo e na cidade como possibilidades, se determinadas práticas e atitudes tivessem sido diferentes.

Na intervenção no IV Congresso PCB em 1954, Chade formula uma crítica interna à política partidária “sectária” do período anterior e examina o movimento de 1949 em Fernandópolis, em que textualmente afirma que o partido se equivocou em substituir as “lutas da massa pela vanguarda. Um

³⁴ PORTELLI, A. Sonhos ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 41-58, dez. 1993, p. 49-51.

³⁵ Sobre esse processo histórico a historiadora Beatriz Ana Loner afirma: “A preocupação fundamental de Stalin em suas conversações com os aliados era dividir o mundo em esferas de influência de tal forma que ficassem resguardadas a segurança soviética e o controle do Leste Europeu, ao mesmo tempo que se evitasse conflitos entre as 2 grandes potências: URSS e EUA. A política de ‘união nacional’ desenvolvida pelos partidos comunistas, na Europa e outros continentes, servia a estes interesses. Isto trouxe como consequência, na Europa, a frustração da revolução na França e na Itália, seu esmagamento na Grécia e proporcionou a burguesia a folga necessária para reconstruir sua dominação, nestes e nos demais países. Encontrou ela nos comunistas, neste período, seus mais fiéis aliados, não só heróicos lutadores contra os nazistas, não só bons advogados em suas relações com as massas trabalhadoras, mas também excelentes ajudantes na reconstrução econômica, social e política dos diversos países nos moldes burgueses”, Cf. LONER, 1985, p. 24.

exemplo típico dessa forma sectária de ação nós o temos na luta que ocorreu em Fernandópolis”.³⁶

No artigo publicado no periódico *Voz Operária*, Chade chama a atenção para a “imprensa sadia”. De acordo com Chade, essa imprensa havia silenciado diante dos acontecimentos em Fernandópolis. Todavia, o movimento de 1949 foi tratado por essa “imprensa sadia”, talvez não da forma e com o espaço que desejava Chade. Significativamente, os interesses do silêncio na imprensa são identificados: não dar visibilidade a um movimento que poderia tornar-se paradigma e estímulo para as lutas dos trabalhadores no interior do Estado de São Paulo.

As “notícias” vinculadas pela “imprensa sadia” foram consideráveis para o movimento descrito como circunscrito, por essa mesma imprensa, ocorrido em “apenas uma noite”. Contudo, a imprensa de imediato teceu narrativa estabelecendo relações entre o movimento social e alguma trama conspiratória internacional de perspectiva comunista, que, nas palavras de Calil Chade, relatado “como uma ação isolada dos comunistas”. As narrativas de Chade “na *Voz Operária*, em 1949, e no IV Congresso PCB, em 1954” em nenhum momento caracterizaram o movimento de trabalhadores em 1949 em Fernandópolis de “revolução comunista” ou de “revolução agrária”. Seus argumentos situam o movimento naquele ambiente de lutas dos trabalhadores rurais que, pressionados por circunstâncias diversas de exploração e desiludidos com o pagamento da “renda” ou com os “despejos”, “ergueram pela conquista de seu pedaço de terra próprio, livre do arrendamento [...] através de uma luta mais enérgica”. É muito provável que Calil Chade tenha cogitado que situar e relacionar àquelas lutas dos trabalhadores à órbita do PCB não constituía a forma mais adequada de defendê-los diante da repressão policial e política do DOPS. De forma perspicaz, Chade denuncia que “a história escrita pelas classes dominantes não registra e procura encobrir a verdade do que tem sido no Brasil a luta sangrenta dos camponeses pela conquista de terras ou pela defesa de suas terras”. Essa sua fala, cinco anos depois do movimento de 1949, mapeia, acredito, a produção social da memória e os sentidos atribuídos pela “imprensa sadia”.

³⁶ SANTOS, 1954-1955.

Paradoxalmente, o periódico *O Marmiteiro*: a voz das fábricas em defesa dos trabalhadores, na coluna Noticiário, no final da segunda página, se expressa da seguinte forma sobre as lutas dos trabalhadores rurais ocorridas em junho de 1949:

Alta Araraquarense - Os camponeses do sertão da Alta Araraquarense não resistindo mais as miseráveis condições de vida, a que eram submetidos, resolveram tomar as terras. Assim, penetraram nas grandes fazendas, e nos 'grilos' ocupando terras e a estas horas devem estar marchando para os povoados onde irão buscar do que comer e vestir. Este é um exemplo a ser seguido pelos operários das cidades. Ficar parados e indiferentes é morrer míngua. Lutar por meio de greves e outros movimentos é conquistar os melhores dias para os nossos filhos.³⁷

O editor do periódico *O Marmiteiro* termina o exemplar com a frase: Leia e Passe Adiante este Jornal. O periódico de duas colunas parece ser publicado em duas páginas e impresso em mimeógrafo. O exemplar número seis trata de vários temas, entre eles, o Congresso de Vereadores ocorrido em Ribeirão Preto, no período de 12 a 16 de junho de 1949. O periódico caracteriza o evento como um conluio dos integralistas e latifundiários para reformar — “rasgar” — a Constituição e retirar a liberdade de pensamento, de palavra e reunião, liberdade de associação, liberdade de imprensa, enfim, “legalizar a ditadura de Dutra”, bem como para impor aos trabalhadores o trabalho de “estrela a estrela”. Notícia também a militância dos “vereadores de Prestes” no Congresso das Municipalidades e denuncia a repressão e prisão a esses vereadores. A nota marginal no periódico enfatiza as lutas dos trabalhadores rurais, reivindicada como estratégia e exemplo para o operariado das cidades, defendendo ainda a “união” entre “camponeses e operários” para superar o imperialismo norte-americano.

Por outro lado, de forma intrincada, a nota evidencia que as diversas lutas sociais no campo estavam ocorrendo

³⁷ O MARMITEIRO: a voz das fábricas em defesa dos trabalhadores, [s. l.], n. 6, ano I, jun. 1949 apud POMAR, 2002, p. 180-181. O periódico foi apreendido pela polícia em Ribeirão Preto e havia sido distribuído no II Congresso das Municipalidades.

articuladamente e eram esperadas para aquele momento. O ambiente social vivido pelos trabalhadores rurais parecia propício para a ocupação de terras. Presumivelmente, premidos pelas circunstâncias políticas do momento e orientados pelo Manifesto de Janeiro de 1948, alguns militantes se deslocaram pelo interior do Estado de São Paulo para uma determinada "palavra de ordem do partido". Parecia ser essa a informação em Fernandópolis.

Não menos intrincado, em 1946 já circulava no interior do DOPS informações sobre um possível levante comunista na região de Fernandópolis:

CONFORME determinações de V. S. procedi investigações em torno da situação política de Fernandópolis, apurando o seguinte: Em Fernandópolis grande parte da população é adepta ao Partido Comunista Brasileiro (sic). Apurei que, um mês atrás (sic), os principais elementos do Partido estiveram na Capital do Estado, afim de receberem ordens para tomarem parte num levante comunista, que devia ser geral no País, de onde voltaram aguardando novas oportunidades para o citado levante. Os cabeças do Partido tem o costume de promoverem bailes nas fazendas das imediações, sem o consentimento do Delegado de Polícia local, afim de transformarem os ditos bailes em reuniões políticas, tanto que, o Dr. Castelo Branco, Delegado local, mesmo sem ter o auxílio de praças da Força Armada, vai somente acompanhado do escrivão de polícia, afim de impedir tais irregularidades, correndo assim grande perigo, por ser ele odiado pelos comunistas. Suspeita-se na cidade, que o Partido está de posse de grande armamento de diversas qualidades. [...] João Lino Jacinto, investigador.³⁸

É impossível determinar se os trabalhadores estavam organizando um levante comunista em 1946. Como também é

³⁸ RELATÓRIO dos investigadores João Lino Jacinto e Francisco Aristodemos Decimo de Angelis, em diligência mediante OFÍCIO n. 6.383, de 27/06/1946; OFÍCIO da Delegacia Regional de Polícia de São José do Rio Preto, n. 1.070; OFÍCIO n. 261 da Delegacia de Polícia de Fernandópolis, 22/7/1946. Cópia fielmente do original, assinada (Dinha Martins de Souza Campos) em São Paulo, 20 set. 1946. Raimundo Roberto de Paula.

impossível perscrutar como aqueles, que foram identificados como comunistas, pelo investigador João Lino Jacinto, narravam para si mesmos o processo histórico que estavam vivendo. A pesquisa sobre esse processo histórico em 1946 está limitada pelos arquivos do DOPS. Todavia, esses mesmos materiais históricos evidenciam que os trabalhadores em Fernandópolis não iniciaram suas lutas por melhores condições de vida e trabalho, bem como a luta pela terra, com o levante comunista no ano de 1949. E, tão pouco, essas lutas estavam reduzidas às pautas que emanavam do PCB e estavam limitadas a junho de 1949.³⁹

É possível concluir que o processo de ocultação histórica de experiências sociais dos trabalhadores, em seus diversos movimentos de luta por transformações sociais, tem sido utilizado na composição de um saber histórico dominante — hegemônico. A construção histórica e social de memórias sobre o movimento dos trabalhadores no ano de 1949 em Fernandópolis evidencia a disputa em torno da construção da memória do termo levante, na descrição e interpretação dos movimentos sociais. Naquele momento histórico, a noção foi apropriada pelos agentes do DOPS, pelos entes da Justiça e pela imprensa, sendo disseminada no social com o adjetivo comunista, reproduzido em publicação ufanista e laudatória.⁴⁰ Esse fato foi deliberado com o objetivo de criminalizar, policial e politicamente, os movimentos sociais de trabalhadores que ocorriam desde 1946 — pelo menos — na região de Fernandópolis.

Por outro lado, reminiscências sobre o movimento de 1949 relacionam as lutas dos trabalhadores daquele período às lutas pela terra promovidas e organizadas pelos trabalhadores rurais sem-terra na contemporaneidade. Esse fato, relevante, constitui-se

Chefe do Arquivo Geral DOPS, p. 2. (Prontuário 69.800 - Oswaldo Felisberto. DEOPS/SP, SAESP.) O referido relatório documenta prontuários de diversos trabalhadores fichados no DOPS e citados e identificados pelo Serviço Secreto. (Prontuário 73.252 - José Antônio Figueiredo. DEOPS/SP, SAESP).

³⁹ Cf. MOREIRA, 2009.

⁴⁰ COSTA, R. M. S.; MALACRIDA, P. M. M. M.; SUGAHARA, A. M. A. Semente comunista em solo conservador. In: PESSOTA, A. J. et al. *Fernandópolis: nossa história, nossa gente*. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996.

em evidência de experiências vividas que não pode ser reduzido apenas a um “movimento comunista de revolução agrária” ou “levante comunista”. Os movimentos sociais dos trabalhadores que ocorreram naqueles tempos podem ser descritos e interpretados como levantes de trabalhadores na luta por direitos e contra as relações sociais de exploração a que estavam submetidos, em alguns momentos, como movimentos de luta pela terra.



**"ENOUGHT TO FORM FARMS, AND THEN RECEIVE
EVICTION": WORKERS AND COMMUNIST EXPERIENCE
THE INTERIOR OF SÃO PAULO (1946-1954)**

ABSTRACT

From narratives of communist militants in journals about communist uprising of 1949, in Fernandópolis, São Paulo State, I argue the dispute around the memory of the workers' social experiences, when organizing diverse social movements of struggle for land and labor rights in the country. The political assessment of communist militants emerges of these historical materials on the practices in the period since 1946 to 1954.

KEYWORDS

Workers. Social movements. Communist uprising. Memory.